



**Encontro:** 30 de março – sábado – 16h

## **O mito da modernidade**

### **Ruth Guimarães**

De acordo com a voz do povo, progresso é: emprego para todos, não importa qual, fábricas, não importa de quê, e acesso indiscriminado a bens de serviços e outros. Quanto mais puderem comprar geladeiras, ventiladores, celulares, tapetes, fornos microondas, mais estaremos progredindo (Não se fala em livros). Progresso é nascerem 80 crianças, 10 de parto normal e 70 de cesariana. São os apartamentos, os tri-empregos. A correria. E os etc. todos.

Costura, horta, o fundo de quintal, a couve e o mentruz, construção artesanal, galinheiros, bancos e cadeiras feitos em casa, isto já era.

Sugiro outro conceito de modernidade:

Modernidade é realmente o treinamento do consumidor para o desfrute do inútil. De onde decorrem n males:

O hábito de velocidades violentas;

O estado gerador de padrões de produção;

A política militarizada, ou o estado policial.

A verdadeira pobreza consta da ausência de esclarecimentos e da falta de poder profissional. Daí vem a não criatividade. As leis ajudam a abafar no nascedouro as disposições profissionais.

Ninguém combate a verdadeira pobreza, procura-se, isto sim, disfarçá-la, enganá-la, aliciá-la, com cigarros, modas vistosas, com água e luz elétrica nas favelas. O pobre é mantido, diz-se que está assistido. E como vai se alienando, está justificado por sua inércia e comodismo. O que quer é sossego. É viver em paz. PAZ com todas as letras maiúsculas. E que Paz? A vida é uma guerra. O próprio Cristo, considerado pacífico, e que se dizia manso e humilde de coração, declarou abertamente que não veio trazer a Paz. “Vim trazer a Espada.”

É dessa guerra que eu falo. A do Cristo. A de Sócrates. A de Oswaldo Cruz.

O que é necessário combater? Em primeiríssimo lugar, vamos acabar com a insatisfação do pobre em sua pobreza patrocinada, para que, não se sentindo bem, procure sair da lama onde está.



Sem patrocínio, sem esmolas, sem humilhação. Sem pular de um beco sem saída para cair em outro. O povo está pronto a endossar a pena de morte. Virá a pena de morte. Para quem? Quem sabe sequer os nomes dos responsáveis pelos crimes contra a Previdência, e outros? Não chega o que já nos fazem: - a morte cavilosa e clandestina, nos fundos das delegacias. Agora possivelmente teremos a pena de morte, legalmente. Com efeito.

Outro mito a combater é a ideia de que nos tornamos importantíssimos com a modernidade e podemos atingir qualquer meta, comprando bens e serviços. Somente bens, e serviços, veja bem. Nada que se possa chamar alma e nada que possa chamar de dignidade, bens que não se comprem, mas que temos de aprender a conquistar. Em nenhum dos modelos econômicos, ou não, conseguimos vislumbrar valores não mercantilizáveis.

As mercadorias podem substituir até certo ponto o que a pessoa criar por si mesma. Além disso, a moda do uso de certo produto se deteriora facilmente. A quantidade de bens entregue diminui o valor desses bens. É tudo igual, o que repugna à criatura humana, mesmo à de cérebro lavado.

Antes de sermos clientes, somos pessoas.

E como estamos melhorando a pessoa? Onde a saúde? Onde a Educação?

## **Presença do Homem Ruth Guimarães**

Resíduos venenosos continuam a ser lançados nos rios, é a grita dos jornais, matando os peixes e prejudicando a lavoura ribeirinha. Grande quantidade de peixes mortos se acumula nas margens, impregnando o ambiente de forte mau cheiro. Há que tempo a população envia diversos abaixo-assinados aos prefeitos, pedindo providências. E este solicita interferência do governo do Estado. E com esta notícia nos vem à lembrança o belo rio Atibaia dos dias de sol, ainda não conspurcado com os tais resíduos químicos, quando suas águas corriam tranqüilas, num leve tom de verde, sombreado, à maneira de todos os rios cá de cima, em principal do Tietê, salpicados de peixes feitos de prata e relâmpagos. E agora, os silenciosos habitantes das águas, que já deram assunto a Santo Antonio e a Vieira, e já foram até ouvintes de sermões, se acumulam nas margens, não para ouvir nem para louvar, mas virados



ignominiosamente de barriga para cima e cheirando mal. Em verdade creio que nada há mais morto neste mundo do que peixe morto. E eram lindos os peixes de prata!

Diz-se que o deserto do Arizona, nos Estados Unidos, e o do Colorado, e o Grande Deserto do México, e toda a região semi-árida que vizinha com o golfo da Califórnia eram terras recobertas de luxuriantes florestas. Mas veio o homem com o machado, com a serra circular e a serra elétrica, e o facão, a foice e o fogo. Não fossem os governos tomarem providências enérgicas e em tempo contra a devastação florestal, e estariam perdidos para sempre extensíssimos tratos de terra. E com eles se acabariam os patos selvagens que levantam vôo nas madrugadas róseas, e centenas de outras aves de brilhante colorido, e flores, e lagos, e vida, que tudo existia de belo e bom, antes da presença do homem.

Presença do homem nessas praias de Santos, de São Vicente, do Guarujá de altas ondas franjadas de branco, das águas tranqüilas da Praia das Vacas, e o Gonzaga, e o José-Menino com sua orla cinzenta e o verde polvilhado de ouro e ferrugem dos falsos cajueiros.

Podeis figurar tais praias em sua primitiva solidão? Tão belas, tão limpas, tão puras, com apenas igaras dançando nas ondas, e a água fresca, cheirosa de maresia, de iodo, de sal e de sol.

Diz-se que na lua, chamada Selene pelos poetas, madrinha dos namorados, lá longe, silenciosa, antigamente só havia São Jorge...

**Textos publicados no Jornal Valeparaibano**

Selecionados por Júnia e Olavo Botelho, filhos da autora.

**Disponíveis em:** <http://retratosecronicas.blogspot.com/>